

Administração Militar no Ultramar: RMA - Informática, 1972-1974

- «A história da máquina que processou o salário dos militares portugueses, o IBM 1400.

O Exército português usou-o durante a guerra e até instalou um em Angola. Era um excelente computador, que serviu, por exemplo, para processar os salários dos militares. Chamava-se IBM 1400, funcionava com cartões perfurados e ainda tinha muito de mecânica.

[...]

Octávio [Amaral] Firme [] foi mobilizado para a tropa [ie, para servir no Ultramar] em 1971, mas a informática livrou-o de ir combater para o mato. Tinha estudado Engenharia Electrotécnica no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, embora sem acabar o curso. E tinha começado a trabalhar na IBM, em 1969, como programador. Durante algum tempo não foi mobilizado, mas quando chegou a 1971 já não conseguiu evitar. Fez o curso de capitães e, em 1972, foi enviado para Angola. Missão: substituir a máquina IBM 1400 pelo modelo 360/30. Uma tarefa pouco arriscada, tendo em conta o cenário de guerra, mas nem por isso uma missão simples.*

Chamam-lhe IBM 1400 por ser esse o nome da sua série. Mas o computador usado pelo Exército era o IBM 1401, "a primeira máquina do mundo com capacidade intrínseca de processamento", explica Octávio Firme. A sua capacidade de armazenamento é hoje motivo de gargalhada, pois apenas podia guardar quatro kilobytes (KB) de informação (uma disquete, das que já quase não se usam, permite guardar 1,5 megabytes... e um megabyte são 1000 kilobytes).

Em Luanda, Octávio Firme constatou que grande parte dos programas desenvolvidos para o IBM 1401 não funcionavam na nova máquina. Como não havia gente para trabalhar com o novo computador, acabou por ficar em Angola [Luanda] mais de dois anos, cinco meses para além do 25 de Abril.

Só com quatro KB de memória, o IBM 1401 processava os vencimentos de mais de 100.000 militares que estavam em Angola, Moçambique e Guiné. A determinada altura do mês, a secção de preparação de vencimentos recolhia as informações dos militares, onde constavam as alterações. Depois, era preenchido para cada militar um impresso com a imagem do cartão perfurado que depois seria lido pelo computador, um trabalho realizado por cerca de 30 mulheres. Finalmente, essa informação era verificada e depois processada pelo IBM 1401, ao qual estava ligada uma impressora e uma leitora de cartões perfurados. Esses cartões são uma espécie de antepassados das disquetes e CD de hoje, pois era lá que estava guardada a informação. Os furos, em locais específicos, tinham um significado interpretado pela máquina para fazer os cálculos.

Com o aspecto de um armário, o IBM 1401 lia os cartões (dois por cada militar, um com a informação geral e outro com as alterações daquele mês), fazia os cálculos, emitia os mapas de vencimento por unidades e imprimia os envelopes com o nome, o posto e a quantia a receber. Calculava ainda as chamadas "pensões na metrópole", que os militares pretendiam fazer chegar aos familiares.

"O 1401 pode ser considerado o primeiro computador", diz Octávio Firme. Era, inclusive, uma máquina cara. O Exército alugou-o por cerca de 300 contos por mês (1500 euros), recorda. Na altura, chegava para comprar uma casa.»¹

¹ (Isabel Gorjão Santos, in "Computador da guerra colonial em exposição"; jornal 'Público', 01Nov2006)

[*] em 03Abr1966, soldado-cadete (n/m 08600464) da EPC-Santarém, promovido a aspirante-a-oficial miliciano de transmissões de cavalaria e transferido para o RC8-Castelo Branco; em 01Dez1969 considerado tenente miliciano na situação de disponibilidade; em 02Mar1972, tendo sido promovido a capitão miliciano e mobilizado pelo RC7-Ajuda para servir Portugal na Província Ultramarina de Angola, embarcou no AB1-Figo Maduro rumo à BA9-Luanda, a fim de ficar colocado na Secção de Pagadoria da Chefia do Serviço de Contabilidade e Administração do QG/RMA; e em 11Set1974 regressou à Metrópole.